SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Quarteto de Tóquio
Barry Douglas
piano

Abril 14, 15 e 16
Les Arts Florissants
William Christie, regência

Abril 27, 28 e 29
Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Yuri Temirkanov, regência

Maio 6, 11 e 12
Boston Symphony Chamber Players

Junho 2, 3 e 4
Dezsö Ranki, piano

Junho 29 e 30 – Julho 1
Orquestra Sinfônica de Montreal
Charles Dutoit, regência

Agosto 24, 25 e 26
Quarteto de Tóquio
e Barry Douglas, piano

Setembro 14, 15 e 16
The Philharmonia Orchestra
Paavo Järvi, regência
Lynne Dawson, soprano

Setembro 24, 25 e 28
The Academy of Ancient Music
Christopher Hogwood, regência
Nancy Argenta, soprano

Novembro 3, 4 e 5
Orquestra da Toscana
Umberto Benedetti Michelangeli, regência
Gianluca Cascioli, piano

Novembro 24, 25 e 26
Orquestra Nacional da Espanha
Rafael Frühbeck de Burgos, regência
Pepe Romero, violão

A Bolsa de Valores de São Paulo tem muito orgulho de investir em cultura.
BOVESPA, patrocinadora da Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paul

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

apresenta

Quarteto de Tóquio

Barry Douglas

piano

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

promoção

ELDORADO FM 92,9

BankBoston

patrocínio

BOVESPA Bolsa de Valores de São Paulo

VOLKSWAGEN

Votorantim

Quarteto de Tóquio

Sobre o Quarteto de Tóquio, o *Washington Post* escreveu: "Não apenas em balanço, mas na intimidade dos detalhes, no fraseado e naquela espécie de respirar conjunto, marca dos grandes quartetos, sua música carrega todos os traços da grandeza". Celebrado por seu estupendo domínio técnico e pela elegância suprema de seu estilo, o Quarteto de Tóquio, desde a sua fundação, em 1969, consagrou-se como um dos melhores grupos de câmara de todo o mundo. Suas temporadas anuais, há bastante tempo, somam mais de uma centena de apresentações nas mais importantes salas de música da Europa, das Américas e do Oriente.

O conjunto teve sua origem na Academia Toho de Tóquio, escola na qual seus membros fundadores foram profundamente influenciados pelo professor Hideo Saito. Despertando-lhes o interesse pela música de câmara, mestre Saito estimulou-os a estudar nos Estados Unidos, onde se aperfeiçoaram com Robert Mann, Raphael Hillyer e Claus Adam. Em 1969 fundou-se oficialmente o Quarteto de Tóquio, seus integrantes foram agraciados com bolsas da prestigiosa *Juilliard School* e pouco depois seriam premiados no Concurso de Munique e nas Audições Internacionais de Jovens Concertistas.

Kazuhide Isomura, violista, e Sadao Harada, violoncelista, são membros fundadores do Quarteto de Tóquio. Em 1974 o conjunto passou a contar com a colaboração do violinista Kikuei Ikeda, também ex-aluno da Academia Toho, e em novembro de 1996 o ucraniano Mikhail Kopelman – ex-aluno do Conservatório de Moscou e Primeiro Violino do Quarteto Borodin durante duas décadas – substituiu Peter Oundjian, Primeiro Violino do Quarteto de Tóquio por quinze anos.

Dando continuidade às suas melhores tradições, em sua atual temporada internacional os *Toks*, como são carinhosamente chamados nos Estados Unidos, realizam mais uma série de três concertos anuais no *Alice Tully Hall* do *Lincoln Center*, cumprem turnês no Japão, na Grã-Bretanha, na Alemanha, na Áustria, na Itália, na Holanda e na América do Sul (com o pianista Barry Douglas), apresentam, com James Galway, concertos de música de câmara de Mozart e de Reicha em Chicago, Los Angeles, São Francisco, Escondido, Dallas, Austin e Orono e, finalmente, empreendem uma grande turnê norte-americana, tocando nas cidades de Filadélfia, Ann Arbor, Houston, Seattle, Pittsburgh, Detroit, Portland, Sarasota, West Palm Beach, Toronto, Newark, Princeton e Chicago, onde integram um "Programa Beethoven", que conta também com a participação dos Quartetos Emerson, Guarneri e Juilliard.

Paralelamente às suas atividades nas salas de concerto, o Quarteto de Tóquio apresenta-se também em programas de televisão, dentre os quais se destacam as séries *Great Performances*, *National Arts*, *Sesame Street*, *CBS Sunday Morning* e um Programa Especial gravado na *Corcoran Gallery of Art* de Washington e difundido pela televisão pública norte-americana. A discografia dos *Toks*, artistas exclusivos da *BMG Classics/RCA Victor Red Seal*, inclui dezenas de gravações, algumas delas verdadeiros marcos do repertório camerístico mundial. Dentre seus lançamentos recentes destacam-se a Integral dos Quartetos de Bartók, juntamente com dois Quartetos de Janácek, e seu registro, paradigmático, da Integral dos Quartetos de Beethoven.

Professores da *Yale School of Music* e artistas-residentes do Conservatório de Música da Universidade de Cincinnati, os integrantes do Quarteto de Tóquio tocam em quatro extraordinários instrumentos Stradivarius, conhecidos como o célebre "Quarteto Paganini", cedidos ao conjunto pela Fundação de Música do Japão desde 1995.

Quarteto de Tóquio

Mikhail Kopelman, Violino

É Primeiro Violino do Quarteto de Tóquio desde novembro de 1996, quando substituiu Peter Oundjian, que ocupara essa mesma posição por quinze anos. Ucraniano natural da cidade de Uzhgorod, Kopelman começou a estudar violino aos 6 anos, foi aluno de Maia Glezarova e Yuri Yankelevitch, no Conservatório de Moscou, e em 1973 obteve o Segundo Prêmio no Concurso Internacional Jacques Thibaud, em Paris. Depois de integrar a Orquestra do Teatro Bolshoi, ocupou o posto de *Spalla* da Filarmônica de Moscou e em 1976 foi convidado para ser Primeiro Violino do Quarteto Borodin, com o qual tocou por duas décadas. Mikhail Kopelman lecionou no Conservatório de Moscou, de 1980 a 1990, e em 1993 emigrou com sua família para os Estados Unidos.

Kikuei Ikeda, Violino

Violinista nascido em Tóquio, formou-se pela Academia de Música Toho, escola na qual estudou com Saburo Sumi e Josef Gingold (violino) e com Hideo Saito (música de câmara). No Japão, apresentou-se como solista com as Orquestras Yomiuri, Metropolitana de Tóquio e Sinfônica de Tóquio, e realizou turnê européia como *Spalla* da Orquestra de Cordas Toho. Em 1971 radicou-se nos Estados Unidos, onde completaria sua formação com Dorothy DeLay e com membros do Quarteto Juilliard, na *Juilliard School of Music*, de que foi bolsista. Kikuei Ikeda foi premiado nos concursos Mainichi, *NHK* e Haken, no Japão, no Concurso Internacional de Cordas de Washington e no Concurso Internacional Vianna da Motta, em Portugal. Como solista, interpretou o Concerto para Violino de Mozart com a *Aspen Chamber Orchestra*, apresentou-se em recitais na Itália, em Nova Iorque e em Tóquio e colaborou também, como artista convidado, com diversos conjuntos de câmara.

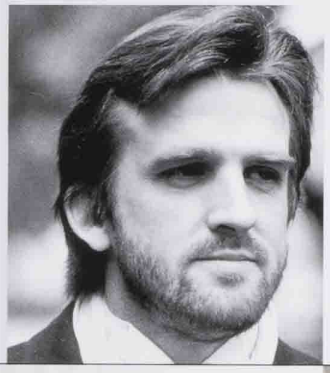
Kazuhide Isomura, Viola

Violista e membro fundador do Quarteto de Tóquio, é formado pela Academia Toho, onde estudou com Jeanne Isnard, Kenji Kobayashi e Hideo Saito. Logo após radicar-se nos Estados Unidos, Isomura foi *Spalla* Assistente na Sinfônica de Nashville, mas seu amor pela música de câmara e pelo violino levaram-no à *Juilliard School*, instituição de que foi bolsista e na qual estudou violino, com Ivan Galamian e Paul Makanowitzky, música de câmara, com Robert Mann e Raphael Hillyer, e viola com Walter Trampler. Paralelamente a suas atividades com o Quarteto de Tóquio, Kazuhide Isomura vem gravando o repertório de viola solo para o selo *MusicMasters/Musical Heritage Society*.

Sadao Harada, Violoncelo

Violoncelista e membro fundador do Quarteto de Tóquio, começou a estudar música com seu pai e a partir dos 11 anos passou a trabalhar sob a orientação de Hideo Saito. Pouco tempo depois de formar-se pela Academia Toho, Harada conquistou os Primeiros Prêmios dos Concursos Mainichi e *NHK* para Violoncelistas, o que o levou a apresentar-se como solista em todo o Japão. Camerista premiado pelo prestigioso *Mainichi Grand Arts Prize*, atribuído anualmente a artistas de destaque em diferentes campos, Harada foi o mais jovem Primeiro Violoncelo da Sinfônica de Tóquio, posição que ocupou antes de radicar-se nos Estados Unidos, onde atuou com a *Aspen Chamber Orchestra* e a Sinfônica de Nashville. Decidido a seguir carreira como músico de câmara, Sadao Harada ingressou na *Juilliard School*, instituição de que foi bolsista e na qual estudou com Claus Adam, Robert Mann e Raphael Hillyer.

Barry Douglas



Festejado pela crítica como um pianista que alcança "requintes de fraseado e colorido simplesmente mágicos", segundo o *The Guardian*, e como um artista capaz de dar "vazão a sua energia, sua animação e sua ênfase eletrizantes em interpretação arrebatadora e de indiscutível autoridade", segundo o *Daily Telegraph*, o irlandês Barry Douglas deu início à sua carreira internacional ao conquistar a disputadíssima Medalha de Ouro do Concurso Internacional de Piano de Moscou, em 1986. Desde então, o pianista vem-se apresentando nas mais conceituadas salas de música de todo o mundo, em recitais e em concertos ao lado dos melhores maestros e orquestras de nosso tempo.

Como solista de concerto, Douglas já colaborou com as Filarmônicas de Berlim e de Israel, com a Orquestra do *Gewandhaus* de Leipzig, com as Orquestras de Filadélfia, Chicago, Cleveland e Los Angeles, com as Sinfônicas *NHK* e de Tóquio e com todos os grandes conjuntos sinfônicos de Londres, sob a regência de maestros como Vladimir Ashkenazy, Colin Davis, Kurt Masur, Lorin Maazel, Leonard Slatkin, Yuri Temirkanov e Michael Tilson Thomas. Em 1993, o encontro do pianista com o maestro Tilson Thomas e a Orquestra Sinfônica de Londres, na Série *Concerto!*, do *Channel Four*, valeu-lhes o *Emmy Award* daquele ano.

Dentre os compromissos artísticos recentes de Barry Douglas destacam-se concertos com a Orquestra da Rádio Bávara de Munique, com as Filarmônicas de Helsinque e da *Radio France*, com as Orquestras Sinfônicas de Londres, Cincinnati e Toronto, além de uma série de concertos no Japão, um Concerto de Gala celebrando a abertura do novo *Waterfront Hall*, em Belfast, e participação no *Maggio Musicale Fiorentino*. Na presente temporada internacional de música, Douglas apresenta-se em turnê Sul-Americana com o Quarteto de Tóquio, toca em concertos em Berlim, na Itália, no Japão e nos Estados Unidos – com as Sinfônicas de São Francisco, Baltimore e Cincinnati, e no *Lincoln Center* de Nova Iorque –, e realiza recitais em Oslo, Milão e Paris.

A discografia do pianista, registrada sobretudo para o selo *BMG/RCA*, inclui uma dezena de álbuns, dentre os quais se destacam: Concertos para Piano, de Tchaikovsky, com a Sinfônica de Londres regida por Slatkin; Concerto nº 2 para Piano, de Rachmaninoff, com a Sinfônica de Londres, sob regência de Tilson Thomas; Concerto para Piano, de Corigliano, com Slatkin à frente da Sinfônica de Saint Louis; Concerto para Piano, de Britten, e Fantasia para Piano e Orquestra, de Debussy, com Marek Janowski e a Filarmônica da *Radio France*; e o álbum Sonatas de Beethoven.

Programas

Série Branca

24 de agosto, segunda-feira, 21h

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 - 1827)

Quarteto de Cordas nº 3 em Ré maior, opus 18 nº3

Allegro

Andante con moto

Allegro

Presto

DMITRI SHOSTAKOVICH (1906 - 1975)

Quarteto de Cordas nº 1 em Dó maior, opus 49

Moderato

Moderato

Allegro

Allegro

intervalo

CÉSAR FRANK (1822 - 1890)

Quinteto para Piano e Cordas em Fá menor

Molto moderato quasi lento

Lento con molto sentimento

Allegro non troppo ma con fuoco

Série Azul

25 de agosto, terça-feira, 21h

JOSEPH HAYDN (1732 - 1809)

Quarteto de Cordas em Sol maior, opus 76 nº 1 (Hob.III 75)

Allegro con spirito

Adagio

Menuetto - Presto

Allegro ma non troppo

SAMUEL BARBER (1910 - 1981)

Quarteto de Cordas em Si menor, opus 11

Molto allegro e appassionato

Molto adagio

Molto allegro (come prima) - Presto

intervalo

ANTONÍN DVORÁK (1841 - 1904)

Quinteto para Piano e Cordas em Lá menor, opus 81 (B.155)

Allegro ma non troppo

Andante con moto

Molto vivace

Allegro

Série Verde

26 de agosto, quarta-feira, 21h

JOSEPH HAYDN (1732 - 1809)

Quarteto de Cordas em Sol maior, opus 76 nº 1 (Hob.III 75)

Allegro con spirito

Adagio

Menuetto

Allegro ma non troppo

DMITRI SHOSTAKOVICH (1906 - 1975)

Quarteto de Cordas nº 1 em Dó maior, opus 49

Moderato

Moderato

Allegro

Allegro

intervalo

CÉSAR FRANK (1822 - 1890)

Quinteto para Piano e Cordas em Fá menor

Molto moderato quasi lento

Lento con molto sentimento

Allegro non troppo ma con fuoco

PRÓXIMAS ATRAÇÕES

The Philharmonia Orchestra
Paavo Järvi, regência
Lynne Dawson, soprano

14 de setembro, segunda-feira

Mendelssohn: Sinfonia nº 4

Mahler: Sinfonia nº 4

15 de setembro, terça-feira

Mendelssohn: Sinfonia nº 4

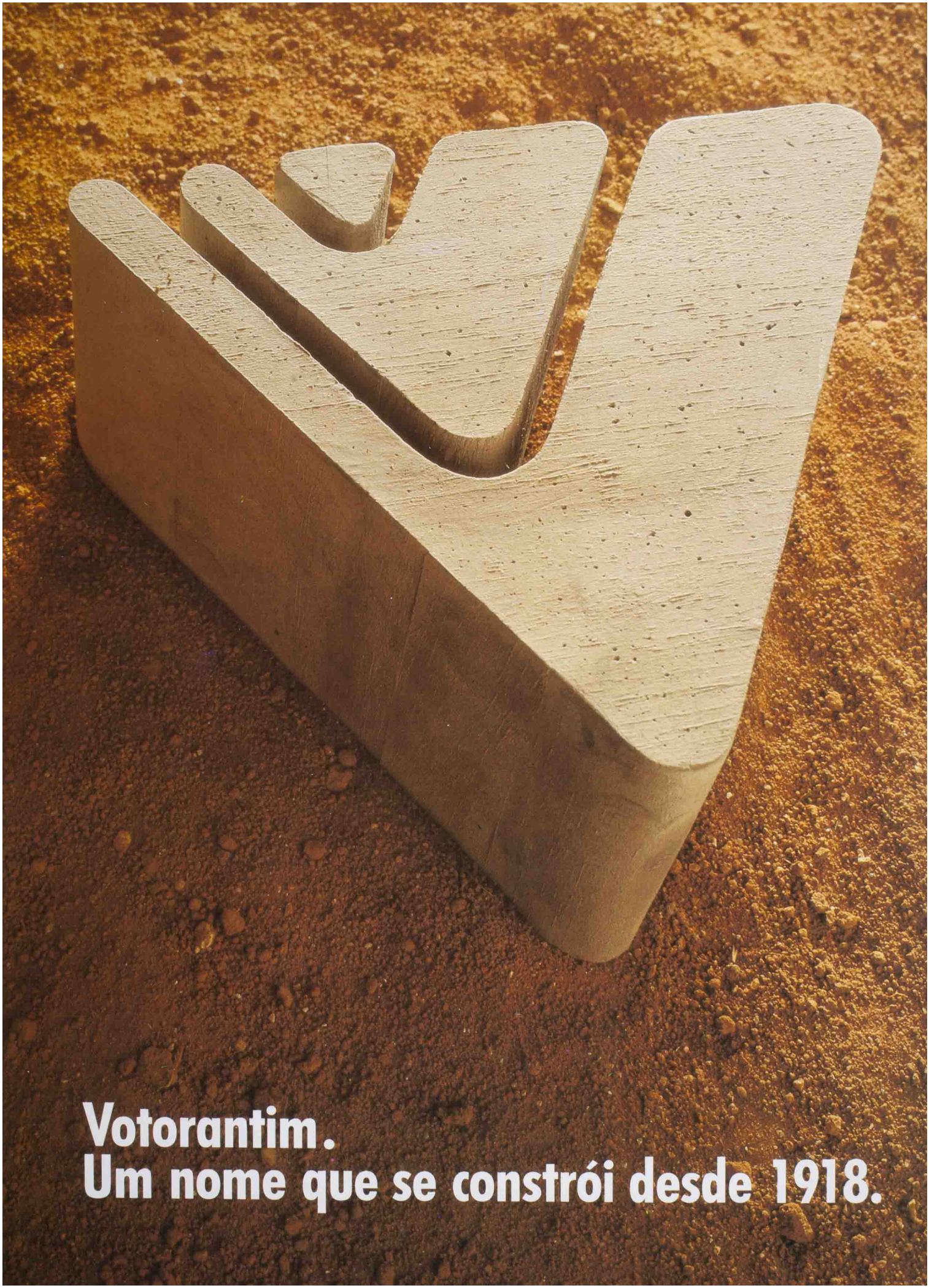
Mahler: Sinfonia nº 4

16 de setembro, quarta-feira

Debussy: Prélude à l'après-midi d'un faune

Canteloube: Chansons d'Auvergne

Brahms: Sinfonia nº 1


Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 - 1827)

Quarteto de Cordas nº 3 em Ré maior, opus 18 nº 3

Para os especialistas – e também para a expressiva parcela do público amador e esclarecido –, os 16 quartetos de Beethoven representam um dos mais altos cumes criativos da história da música ocidental. Compostos entre 1798 e 1826, eles exibem as múltiplas soluções dadas ao gênero por um artista que acreditava que "a música é uma revelação mais alta que a filosofia". Simultâneamente clássicos e visionários – "românticos", diriam alguns –, esses quartetos são como que o sumo essencial dessa arte feita de sons, que a nossa civilização erigiu de maneira única.

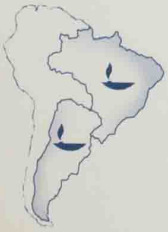
Não houve, no domínio camerístico posterior, compositor sério que, ao menos em um momento da sua carreira, não levasse em conta o monumento deixado por Beethoven. Isso, até o nosso próprio tempo, o que assinala a efetiva modernidade desse conjunto de obras. Hoje, ouvir um só quarteto do *corpus* beethoveniano costuma evocar sensações nada desprezíveis; freqüentá-los na íntegra pode vir a ser uma experiência de vida.

OMINT.

UNINDO O MELHOR DA CIÊNCIA E DA CONSCIÊNCIA MÉDICA.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES, LIGUE PARA A OMINT:

0800 · 174433 DAS 8:00 ÀS 20:00 H.



OMINT BRASIL SÃO PAULO • RIO DE JANEIRO • RIBEIRÃO PRETO • CAMPINAS

OMINT ARGENTINA BUENOS AIRES • CÓRDOBA • MENDOZA • TUCUMAN • SALTA

OMINT ASSISTENCIAL

GUIMARÃES

O Quarteto nº 3 em Ré maior, *opus* 18 nº 3, foi, na verdade, o primeiro a ser escrito por Beethoven, que parece tê-lo terminado antes do final de 1798. O compositor já residia em Viena há seis anos e dedicou-o, como integrante de um grupo de seis, a um dos seus mecenas, o príncipe Lobkowitz. O equilíbrio das informações repartidas entre os quatro instrumentos, todos eles tratados em requintada fusão, e sobretudo a calma e a doçura da elocução apontam para esse espírito único que, então, interiorizado, se entregava ao gênero do quarteto de cordas clássico com uma mistura de reverência e de desejo de descoberta. Apenas uma escuta passiva e descuidada poderia levar a crer que a obra pertenceria ao professor de Beethoven, Haydn.

Dmitri Shostakovich (1906 - 1975)

Quarteto de Cordas nº 1 em Dó maior, opus 49

O maior compositor da fase soviética da história da música da velha Rússia demorou um bom tempo até sentir-se pronto a enfrentar o desafio de escrever para um grupo de quatro cordas solistas. Isso porque, por um lado, a política oficial da ditadura stalinista aplicada às coisas da arte exigia dele obras que produzissem impacto imediato sobre o grande público – em geral, cantatas e peças sinfônicas. Por outro lado, muito consciente do valor da tradição, Shostakovich conhecia bastante bem a perfeição dos quartetos de Haydn e a extraordinária audácia dos quartetos finais de Beethoven, algo que possivelmente o inibia no sentido de se entregar a novas aventuras nesse campo.

Foi apenas a partir de 1938, depois de ter composto cinco enormes Sinfonias, que o artista realizou o seu primeiro ensaio nesse domínio camerístico. E acabou por se apaixonar profundamente por ele, a ponto de ter-nos deixado 15 exemplares, perfazendo um ciclo impressionante de quartetos de cordas, comparável em importância aos ciclos engendrados por Bartók e Villa-Lobos.

Como disse o musicólogo inglês Norman Kay, no Quarteto de Cordas nº 1 em Dó maior, *opus* 49, Shostakovich "usa os meios musicais como bem-amadas roupas usadas, provocando uma impressão de simplicidade ingênua e imediata". Nele, dois movimentos de andamento moderado são seguidos de dois outros de caráter animado, lembrando o espírito de uma serenata ou um divertimento do período clássico. A transparência e o equilíbrio da escritura, a firme concepção temática e a sua sóbria exploração estão entre as características mais evidentes dessa partitura concisa que, de início, Shostakovich pensou em chamar de "Primavera".

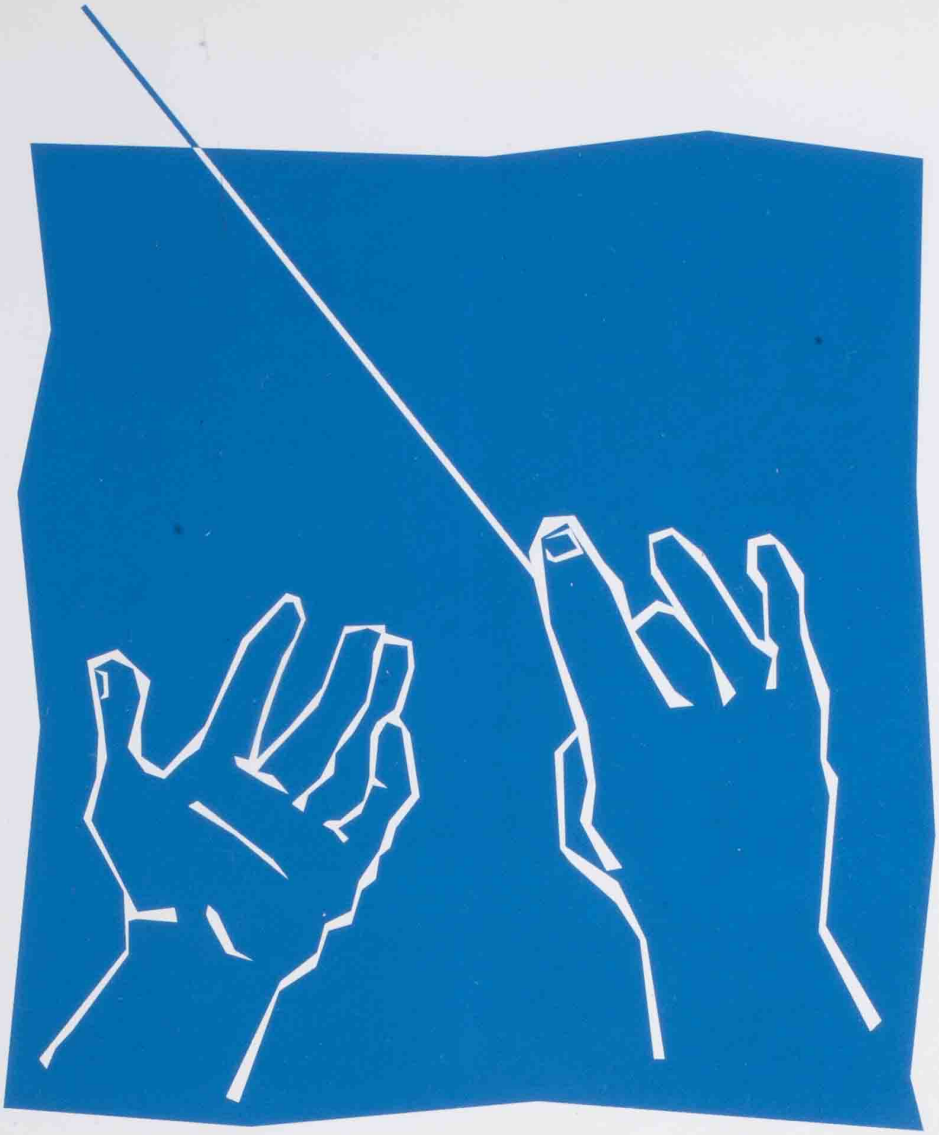
César Franck (1822 - 1890)

Quinteto para Piano e Cordas em Fá menor

O século XIX, época que viu desenvolver-se o Romantismo, através de várias gerações de artistas, foi também o tempo no qual os músicos, via de regra, escreviam em abundância. Dentro desse panorama no qual, por vezes, o exagero era privilegiado, César Franck faz figura de exceção. Belga de nascimento e de ascendência familiar germânica, naturalizou-se francês e foi em Paris que desenvolveu sua carreira. Homem profundamente religioso e professor devotado, Franck foi a própria parcimônia no tocante à composição. Acredita-se que ele costumava abordar um gênero – oratório, sinfonia, sonata para violino e piano – por uma única vez. Isso não é inteiramente verdade: seus vários poemas sinfônicos, as muitas peças vocais sacras, a expressiva produção para órgão e para piano e, acima de tudo, sua substancial música de câmara apontam para isso. Mesmo econômico – e talvez por isso mesmo –, deixou obra fundamental para o renascimento da música francesa efetivamente séria em seu tempo.

Muitos estudiosos atribuem a parcimônia composicional e o tardio amadurecimento de Franck à inibição motivada pelo uso inescrupuloso que seus pais fizeram de seu talento, quando ainda criança. Apostando nos lucros que poderiam auferir graças ao menino prodígio que ele era, seus pais chegaram ao ponto de dar a ele os pomposos prenomes César-Auguste-Jean-Guillaume-Hubert. Inutilmente. E, para a infelicidade do compositor, essa sucessão de prenomes seria motivo de derrisão da parte de seus colegas de escola.

O Quinteto para Piano e Cordas em Fá menor foi escrito em 1878/79. Pertence ao início



TBWA

BankBoston. Arte em grandes negócios.

BankBoston

Informações: 0800-55-1784

www.bankboston.com.br

da fase mais produtiva do autor, que duraria até o final de sua existência. Nele se encontra o equilíbrio perfeito estabelecido entre a natural emotividade do compositor e a sua preocupação em explorar o contraponto e as formas clássicas. Posteriormente, Claude Debussy veria nele "a música de verdade". Esse Quinteto, apesar de obra de câmara, tem um aspecto monumental, graças à diversidade do seu conteúdo expressivo e à complexidade da sua construção. Utilizando aí a harmonia expandida como um elemento arquitetônico e fazendo circular por seus três movimentos certos motivos-chave, César Franck conseguiu erigir "o primeiro grande quinteto da literatura francesa", no dizer de Adelaïde de Place.

Joseph Haydn (1732 - 1809)

Quarteto de Cordas em Sol maior, opus 76 nº 1 (Hob.III 75)

"Haydn e o quarteto de cordas foram contemporâneos na juventude", disse Marion Scott. Na verdade, foi através desse compositor que o gênero camerístico destinado a quatro cordas solistas se desenvolveu e alcançou a sua completa maturidade; simultaneamente o músico atingia o seu zênite criativo. Ouvir cronologicamente as várias dezenas de quartetos escritos por Haydn é, igualmente, dar-se conta de que eles espelham, magnificamente e durante meio século, o desabrochar e a afirmação da personalidade humana e artística de seu autor.

O Quarteto em Sol maior, *opus* 76 nº 1, muito provavelmente composto em 1797, pertence ao final da carreira do artista. Ele já fora festejado em Londres, continuava a trabalhar para a família Esterházy e gozava de enorme reputação entre os seus colegas compositores e o público advertido. A série de seis Quartetos *opus* 76 foi encomendada a Haydn pelo conde Erdödy. A concentração formal e temática, a estrita escrita polifônica e a exploração tonal aí se encontram em seu auge. A vitalidade dessas obras mais parece ter saído da pena de um jovem compositor que da imaginação de um senhor de 65 anos. Nelas, a profunda meditação dos movimentos lentos contrasta com a alegria despreocupada das danças e canções folclóricas que serviram de base para os seus animados finais. Meio século mais tarde, o *opus* 76 ainda causava impacto. No diário do pintor Delacroix (21/2/1847) encontra-se esta passagem: "Quarteto de Haydn, dos últimos que ele fez. Chopin diz que a experiência deu a Haydn essa perfeição que nele admiramos".

Samuel Barber (1910 - 1981)

Quarteto de Cordas em Si menor, opus 11

Ao lado de Gershwin e de Copland, Barber é um dos compositores de nosso século mais executados em seu país, os Estados Unidos. Pertencendo à corrente principal da tradição musical americana, ele é definido por muitos como um "romântico moderno". Seus detratores o consideram, simplesmente, um músico acadêmico e refratário às idéias nascidas na Modernidade. Em contrapartida, ele é defendido fervorosamente por aqueles que acreditam que, para o músico, ainda há muito a dizer através das formas da linguagem tradicional.

Seu Quarteto de Cordas *opus* 11 é obra de juventude. Foi escrito em 1936, quando o autor tinha apenas 26 anos e estudava, como bolsista, na Europa. É uma partitura algo solitária na produção desse compositor habitualmente mais voltado para a canção, as obras sinfônicas e até mesmo para a ópera.

O movimento inicial desse Quarteto – um *Molto allegro e appassionato* em Si menor – estrutura-se a partir da forma-sonata, revisitada de maneira livre, algo rapsódica. Seu primeiro tema tem um recorte ativo e dinâmico – um tanto beethoveniano, enfim. O esperado tema contrastante possui uma fisionomia mais lírica e cantante. O movimento final – *Molto allegro (come prima) - Presto* – é bastante breve e volta, em uma rememoração condensada, aos motivos ouvidos no início da obra. O coração desse quarteto encontra-se no *Molto adagio* central, em Si bemol menor. Sobre um rico tecido harmônico, eleva-se uma melodia de grande alento e de forte apelo emocional, diante da qual poucos ouvintes ficam indiferentes. Utilizado depois em uma obra sacra, tornou-se conhecido na versão para cordas que Hollywood empregaria na trilha sonora do filme *Platoon*.

Antonín Dvorák (1841 - 1904)

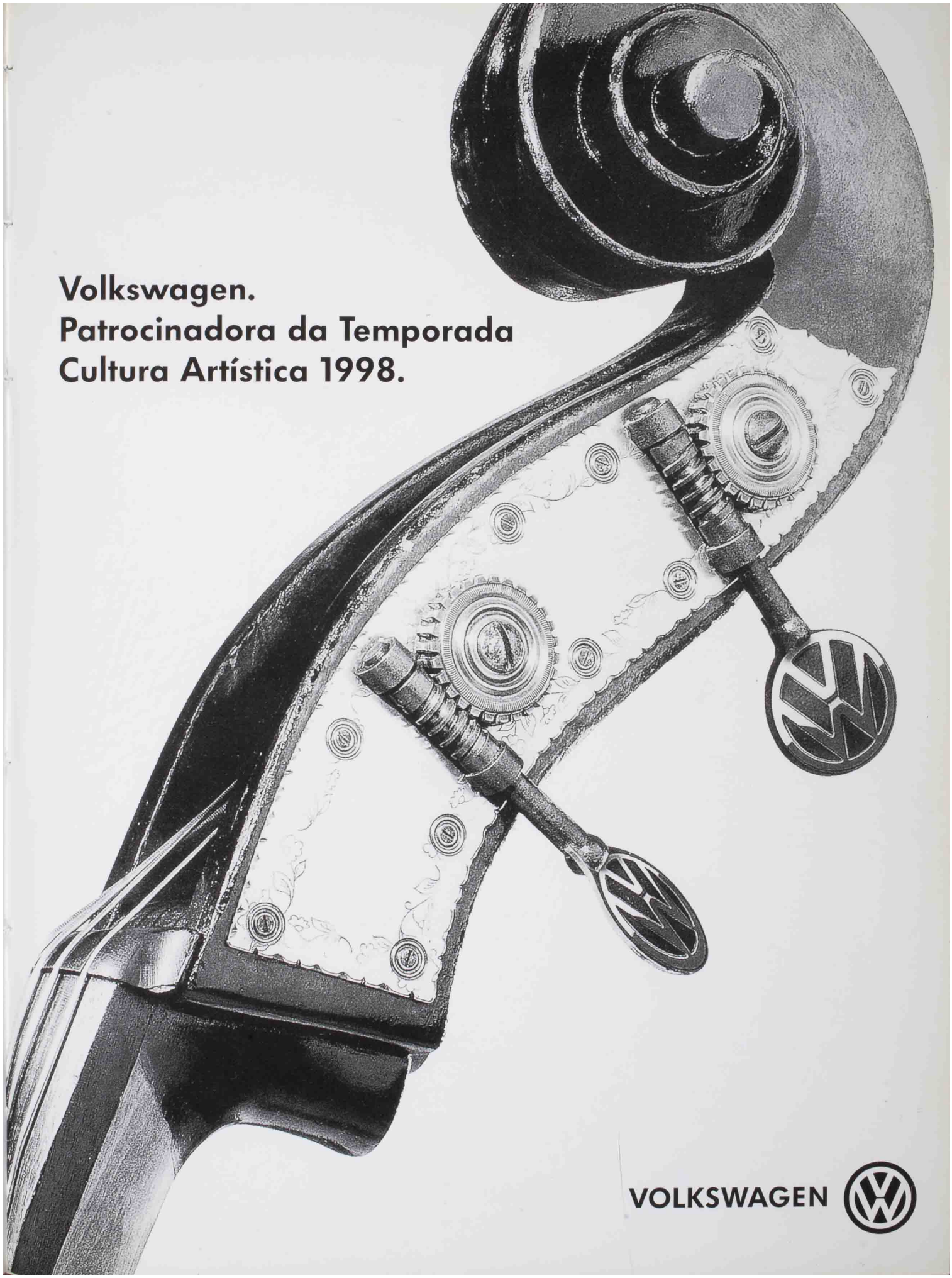
Quinteto para Piano e Cordas em Lá maior, opus 81 B.155

Dvorák pertenceu àquela estirpe de compositores que, durante o musicalmente trans-gressor e romântico século XIX, encontraram sentido em se manter fiéis às formas herdadas do Classicismo do século anterior. Nessa medida, ele sempre revelou ter uma profunda identificação com as produções de Schubert, Mendelssohn e Brahms. Como esses célebres antecessores, Dvorák era dono de uma alma romântica que buscava alcançar o justo equilíbrio composicional e expressivo nos procedimentos formais do passado. À diferença deles todos, entretanto, foi um nacionalista radical que, com Smétana e Janácek, contribuiu grandemente para colocar a Boêmia no mapa-múndi musical.

O Quinteto para Piano e Cordas em Lá maior, *opus* 81 B.155, foi escrito entre setembro e outubro de 1887, em um instante no qual o compositor se sentia particularmente feliz. Nessa época, ele já era uma personalidade bastante conhecida na Europa, graças à ótima acolhida recebida por suas obras orquestrais, corais e camerísticas. Alguns dos amigos mais próximos do artista sempre garantiram que o Quinteto fornece um retrato de corpo inteiro do próprio Dvorák. Para eles, a obra revela a sua alegria diante da natureza, o profundo amor pela melodia e seu sentimento de essencial comunhão com o mundo. Ainda para esses íntimos do autor, a partitura evidencia os cambiantes estados de espírito do músico, com a melancolia e a ansiedade rapidamente dando lugar à consciência feliz da sua própria força criativa.

O movimento inicial, *Allegro ma non troppo*, é elaborado em forma-sonata, com dois temas principais extraordinariamente cativantes. O *Andante con moto* que vem em seguida é um rondó em seis partes no qual o tema-refrão, espécie de balada ucraniana, é entremeado de passagens de caráter contrastante. O terceiro movimento, *Molto vivace*, articula-se sobre três temas: o primeiro é jovial e agitado, o segundo meditativo, o terceiro francamente eslavo e de atmosfera camponesa. O último movimento, *Allegro*, tem animação e muito humor, servindo-se até mesmo de um fugato para fazer a música sorrir.

Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez
Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. Almeida
Editoração Eletrônica BVDA / Brasil Verde
Textos sobre Compositores e Obras Sociedade de Cultura Artística
Traduções Eduardo Brandão
Fotos Christian Steiner (Quarteto de Tóquio) e Charles Cockcroft (Barry Douglas)
Fotolitos e Impressão OESP Gráfica


Volkswagen.
Patrocinadora da Temporada
Cultura Artística 1998.
VOLKSWAGEN

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA